

Acordo de renegociação da dívida começa a ser assinado

Extrema
JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Enviado especial

TORONTO, CANADÁ — O acordo da reestruturação da dívida externa brasileira com os bancos privados (US\$ 52 bilhões) começou a ser assinado ontem, aqui, num clima que era em parte de festa, e em parte ainda de apreensão. Para que o acerto vigore é preciso recolher, até o fim do ano, assinaturas de banqueiros que somem o equivalente a 95% do débito; só ontem, foram obtidas as firmas de 89%.

Credores disseram que isso significa o fim da crise da dívida da América Latina, mas comemoraram o fato de forma discreta. E que o contrato só vai valer depois que o FMI der o sinal verde para o novo programa econômico brasileiro. A partir daí, o Tesouro dos Estados Unidos venderá ao Brasil o equivalente a



Ministro Fernando Henrique Cardoso

US\$ 2,8 bilhões em bônus, que serão repassados aos banqueiros, como garantia dos futuros pagamentos da dívida. Depois, o país entregará títulos novos aos bancos, em troca das promissórias antigas.

— A novela está chegando ao

fim, depois de quase três anos. É bom assinarmos o contrato hoje, mas eu quero ver para crer: só depois que tivermos trocado os papéis da dívida é que esse assunto estará resolvido — disse ao GLOBO o vice-presidente do Citibank, William Rhodes.

Discursando durante a solenidade, à qual compareceram também os senadores José Fogaça e Esperidião Amin, o ministro Fernando Henrique Cardoso disse ter certeza de que o FMI aprovará o programa e que o país vai decolar a partir de então:

— Tenho a convicção de que esse acordo vai virar uma página da história do Brasil.

Ele pediu licença para falar em português, pois a solenidade estava sendo filmada pela televisão brasileira:

— Vou falar em português porque, senão, vão me acusar no Brasil de não ser patriota — disse ele, arrancando risos.